Visita XXIII — O Verbo eterno, de sublime, fez-se humilde

> **Epígrafe.** «Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29)

Para tranquilizar o homem que treme ao simples nome de Deus, desde a revolta original, o Verbo eterno fez-se homem. Para fazer-se amar, fez-se menino. Para tornar-se acessível a todos, fez-se menino pobre. Para nos obter a força de vencer os obstáculos que nos impedem de ir a ele e de permanecer-lhe unidos no tempo e na eternidade, fez-se fraco. Todas essas admiráveis invenções de sua infinita sabedoria tendem ao mesmo fim: fazer-se amar do homem. Não é bastante: apaixonar o homem por ele, como ele mesmo é apaixonado pelo homem. *«O bom Mestre»*, diz santo Agostinho,

> *sabe que o coração do homem é feito para Deus, e que jamais terá repouso enquanto não repousar em Deus.*[1]

Vindo para instruir o homem, sabe além disso que se escutam de bom grado as lições de um mestre ternamente amado. Eis por que o Verbo eterno se fez tão amável, e por que todas as suas lições procedem do amor e conduzem ao amor.

Se ontem nos ensinava a pobreza, era por amor; e se hoje nos ensina a humildade, é ainda por amor. Deus é caridade, diz o apóstolo são João, *Deus caritas est*; tudo o que faz é amor. O homem é feito à imagem de Deus. A menos que se corrompa, tudo o que faz deve ser amor. É para chamar o homem à observância dessa lei e para curá-lo das feridas que se fizera violando-a que o Verbo eterno se fez ele mesmo nosso preceptor, e que, Menino pequeno, estabeleceu sua escola numa pobre gruta e sua cátedra num presépio.

A primeira chaga, como a primeira causa do pecado, foi o orgulho. Por não terem querido obedecer a Deus, nossos primeiros pais perderam-se, e com eles todo o gênero humano. Tocado por tão grande ruína, o Deus de misericórdia quis repará-la. Decidiu-se que seu Filho único se humilharia até tomar a natureza humana, a fim de inspirar ao homem, por seu exemplo, o amor da santa

humildade e o ódio do orgulho. Eis por que são Bernardo nos convida hoje a visitar a gruta de Belém: «*Vamos*», diz-nos, «*até Belém. Ali temos o que admirar, o que amar, o que imitar.*»[2]

Sim; nessa gruta bendita temos o que admirar, *habemus quod admiremur*. Como! um Deus num estábulo! um Deus sobre a palha! Quê! esse Deus sentado no mais alto dos céus num trono de glória,[3] vê-lo posto onde? Num presépio, desconhecido e abandonado, a ponto de não ter à sua volta senão dois animais e alguns pobres pastores!

Temos o que amar, *habemus quod amemus*. Na gruta há onde pôr as nossas afeições. Encontramos ali um Deus, o bem infinito, que quis abaixar-se até fazer-se Menino pequeno, para tornar-se mais amável e mais caro.[4]

Temos o que imitar, *habemus quod imitemur*. O sublime, o Rei do Céu, tornado humilde, pobre e menino pequeno numa gruta, começa a dizer-nos por seu exemplo o que nos dirá mais tarde por suas palavras: Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.[5] Recolhamo-nos para escutá-lo.

Quem não sabe que Deus é o primeiro nobre do mundo, o nobre por excelência, de quem decorre e depende toda nobreza? Sua nobreza é infinita. Ser independente, sua grandeza não é uma grandeza emprestada: possui-a em si mesmo; é inerente à sua natureza. É o soberano Senhor, a quem obedecem todas as criaturas animadas e inanimadas.[6] O Apóstolo tem, pois, razão em dizer que só a Deus pertencem a honra e a glória.[7]

Pois bem! para curar o homem do orgulho, esse Deus tão grande fez-se humilde: como o vimos fazer-se pobre, para nos curar do amor das riquezas. A primeira e a maior lição de humildade que nos dá é revestir-se de nossas misérias.[8] «*Aquele*», diz Cassiano,

> *que veste as roupas de outro, esconde-se debaixo delas; assim o Menino de Belém escondeu sua natureza divina sob a humilde veste de nossa carne.*[9]

E são Bernardo:

> *A majestade infinita encolheu-se, para unir-se ao nosso barro e unir numa mesma pessoa Deus e a lama, a onipotência e a fraqueza, tão grande baixeza e tão grande sublimidade.*[10]

Um Deus unir-se à lama! a grandeza à miséria!

Mas o Filho de Deus não se contentou em tomar a natureza humana: escolheu a vida mais humilde e mais desprezada que se possa conceber. Assim o profeta Isaías o chama com verdade o mais humilhado e o último dos homens, *novissimum virorum*. Jeremias anuncia que será saciado de opróbrios, *saturabitur opprobriis*. Davi acrescenta que será o opróbrio dos homens e o rebotalho do

povo, *opprobrium hominum et abjectio plebis*.

O Menino de Belém apressa-se em justificar todas essas profecias. As humilhações de seu nascimento superam tudo o que se pode imaginar. Que humilhação! que opróbrio para um homem, por indigente que seja, ter nascido num estábulo! Quem nasce nos estábulos? Os pobres nascem em suas choupanas, e pelo menos sobre a palha: jamais nos estábulos. Nos estábulos nascem os animais mais vis. Pois bem! como a última das criaturas, como um verme da terra, o Filho de Deus quis nascer num estábulo: *«Mas eu sou bichinho, e não homem.»*[11]

«Sim», exclama santo Agostinho,

> *foi em tal humilhação que quis nascer o Rei dos Reis. Mas nessa mesma humilhação faz resplandecer a sua majestade e o seu poder, tornando humildes, pela força de seus exemplos, os homens que nascem amassados de orgulho.*[12]

O Anjo anuncia aos Pastores o nascimento do Messias, e todos os sinais que lhes dá para reconhecê-lo são sinais de humildade. O Menino pequeno, diz-lhes, que achareis num estábulo, envolto em pobres panos e deitado numa manjedoura, sobre a palha, é ele, o Salvador do mundo, o Desejado das nações.[13] Assim se manifesta o Deus que vem à terra para destruir o orgulho.

Ó divino Menino! é por vossa humildade que quereis ser reconhecido. Vossos exemplos tornam amáveis e de preço infinito os desprezos e as humilhações. Meu dever e minha riqueza é amá-los, como vós mesmo os amastes. É por esse sinal que devo dar-me a conhecer a vós e aos homens como vosso discípulo. Como, então, em vez de recebê-los com alegria, os suportei com orgulho? Compreendo: eu não vos amava, ó meu adorável Mestre! Se vos tivesse amado, a humilhação ter-me-ia parecido doce e agradável. Mas já que prometeis o perdão a quem se arrepende, arrependo-me de todo o coração de minha vida tão oposta à vossa. Quero corrigir-me e, em presença de vosso presépio, prometo-vos sofrer em paz, por amor de vós, todos os desprezos, todas as humilhações, todos os desdéns de que vos aprouver que eu seja objeto até o meu último dia.

Pequena coroa: Divino Menino Jesus, que para a salvação do mundo quisestes nascer num estábulo e ser deitado numa manjedoura, sobre um pouco de palha: tende piedade de mim.

Maria e José, rogai ao Menino Jesus por mim.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Jaculatória: Amemos o Menino de Belém, *amemus Puerum de Bethléem*.

Propósito: Examinar se sou humilde nas humilhações.

Notas

[1] *Fecisti nos ad te, Domine; et irrequietum est cor nostrum donec requiescat in te.* «Fizeste-nos para ti, Senhor; e inquieto está o nosso coração enquanto não repousar em ti.» (*Confissões*.)

[2] *Transeamus usque Bethlehem: ibi habemus quod admiremur, quod amemus, quod imitemur.*

[3] *Vidi Dominum super solium excelsum et elevatum.* «Vi ao Senhor assentando sobre hum alto e elevado solio.» (Is 6, 1.)

[4] *Quantum pro me vilior, tantum mihi carior.* «Quanto mais vil por mim, tanto mais caro para mim.»

[5] *Clamat exemplo quod post docturus est verbo: Discite a me, quia mitis sum et humilis corde.* «Clama pelo exemplo o que depois há de ensinar pela palavra: Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.»

[6] *Mare et venti obediunt ei.* «Os ventos, e o mar lhe obedecem.» (Mt 8, 27.)

[7] *Soli Deo honor et gloria.* «A Deos só seja honra, e gloria.» (1 Tm 1, 17.)

[8] *Habitu inventus ut homo.* «E sendo reconhecido na condição como homem.» (Fl 2, 7.)

[9] *Qui vestitur, sub veste absconditur; sic natura divina sub carnis veste delituit.*

[10] *Contraxit se majestas, ut seipsum limo nostro conjungeret, et in persona una uniretur Deus et limus: majestas et infirmitas: tanta vilitas et sublimitas tanta.* (Sermão III na Vigília da Natividade.)

[11] *Ego autem sum vermis et non homo.* (Sl 21, 7.)

[12] *Sic nasci voluit excelsus, humilis, ut in ipsa humilitate ostenderet majestatem.* (Livro II, *Sobre o Símbolo*, c. V.)

[13] *Et hoc vobis signum: invenietis infantem pannis involutum et positum in præsepio.* «E este he o sinal que vo-lo fará conhecer: Achareis hum menino envolto em pannos, e posto em huma mangedoura.» (Lc 2, 12.)

Revision #1
Created 23 November 2026 23:45:32 by Admin
Updated 23 November 2026 23:45:32 by Admin